



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SUJEITO, CORPO E SEXUALIDADE: DISCURSO E SUJEITO DE SEXUALIDADE: AMOR ENTRE MULHERES NO CINEMA DE HORROR

Mirtes Ingrid Tavares Marinho
(UESB)

Nilton Milanez
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho está sendo desenvolvido no quadro dos estudos do Labedisco/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, vinculado ao projeto “Materialidades do Corpo e do Horror”. Propomo-nos descrever, analisar e interpretar como a sexualidade é constituída em imagens em movimento, inerentes aos filmes antigos e contemporâneos. Utilizaremos como corpus a trilogia de filmes: “Carmilla: A Vampira de Karnstein” (1970), dirigido por Roy Ward Baker; Luxúria da Vampiros: A reencarnação de Carmilla Karnstein (1971), dirigido por Jimmy Sangster; e “As Filhas de Drácula” (1972), dirigido por John Hough. Os métodos de produção das referidas imagens, ou seja, recursos de enquadramento, movimento e ângulo da câmera, encadeamento entre as cenas, as posições em que os personagens têm diante da câmera, entre tantas outras, serão por nós entendidas como materialidades imagéticas do dispositivo fílmico, compreendida numa percepção discursiva, susceptível de repetições. As materialidades irão nos levar a um olhar discursivo em torno da sexualidade, permitindo-nos compreender de que maneira o indivíduo faz a experiência dele mesmo enquanto sujeito de sexualidade. O conceito de corpo também será significativo, pois ao mostrarmos o sujeito nos deparamos com as seguintes dúvidas: que elementos corporais são destacados nessas materialidades? E de que maneira? Que sentidos são produzidos sobre nós? Que saberes o corpo (re)cria em nossa sociedade? Cremos que providos dessas indagações poderemos compreender de que maneira constitui o sujeito mulher enquanto sujeito de sexualidade que faz uso dos seus prazeres a partir das discussões desenvolvidas por Michel Foucault.

PALAVRAS CHAVE: Discurso; Corpo; Sexualidade.



INTRODUÇÃO

O corpus aqui analisado conta a história de Carmilla, personagem do escritor irlandês Sheridan Le Fanu, que deu origem a trilogia Karnstein. E vale ressaltar, Carmilla foi escrito 25 anos antes do Drácula, sendo considerado a obra quem criou algumas características dos vampiros, como por exemplo transformar-se em animal, ou até mesmo elaborar uma maneira de eliminar um vampiro: a estaca.

O primeiro filme da trilogia Karnstein (1970) se inicia com a figura do caçador de vampiros o Barão Joachin von Hartog, dentro do Castelo de Karnstein, matando os vampiros adormecidos nos caixão utilizando estacas de madeiras nos corações. Vencido pelo cansaço, o Barão deixou para traz apenas um túmulo no qual não encontrara para dar fim a linhagem Karnstein, o da encantadora Micarlla/Carmilla Karnstein (1522-1546). Mais tarde a vampira reaparece como filha de uma misteriosa condessa, dando continuidade a busca por sangue e jovens mulheres para saciar seu apetite sexual e sangue jovem.

No segundo e terceiro filme Carmilla reencarna no corpo de uma linda jovem durante um ritual de magia negra. O cenário é o mesmo, a busca por seduzir mulheres jovens. A igreja por sua vez vai em caça desse terrível mal. O discurso médico tenta decifra-lo. A trilogia Karnstein, uma mistura de horror e sedução, é tomado como um dos grandes clássicos do terror erótico.

Notamos que as materialidades presentes nos filmes em estudo nos levam a um olhar discursivo em torno da sexualidade pra compreendemos de que maneira se constitui o sujeito mulher enquanto sujeito de sexualidade

A análise partirá das noções foucaultianas, tais como, a noção do sujeito mulher e seu lugar de subjugação e também de quem subjuga a partir da compreensão do mesmo enquanto sujeito de sexualidade. As materialidades fílmicas destacadas aqui permeiam pelos discursos de identidade gay e é claro o discurso religioso que é sustentado historicamente pela igreja.



SUJEITO E DISCURSO DE IDENTIDADE GAY

As materialidades fílmicas destacadas aqui permeiam pelos discursos de identidade gay e é claro o discurso religioso que são sustentados historicamente pela igreja. Segundo Foucault o poder pesa sobre o corpo, o poder age no corpo, e em consequência disso, instituições como a igreja tende a atuar no controle do corpo. O ser se constitui historicamente como experiência para Foucault, passando a interrogar-se sobre os discursos que articulam o saber é preciso analisar também as manifestações do poder. E o nosso autor se pergunta: “porque o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados, são objetos de preocupação moral? (...) é que eles são objeto de interdições fundamentais cuja transgressão é considerada falta grave.” (FOUCAULT, História da Sexualidade, p.14). A exteriorização aqui direciona- nos a uma crítica que se estende para além dos limites sociais, surgindo a figura da monstruosidade mostrada no vampiro: “O vampiro, aparece ressignificada, em nossos tempos, de acordo com as emergências de um sistema de regularidades e de dispersões.” (MILANEZ, 2011, p. 15).

Há diferentes modos de se tornar um sujeito, segundo Foucault, e um deles é pelo domínio da sexualidade “o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. Por exemplo, eu escolhi o domínio da sexualidade - como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeito de sexualidade” (FOUCAULT. Sujeito e Poder, p. 232). Para ele analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade, era necessário analisar o indivíduo a partir dele mesmo, e no desejo descobrir a verdade de seu ser, compreender de que maneira o indivíduo faz a experiência dele mesmo enquanto sujeito de sexualidade.



O USO DOS PRAZERES

Em Foucault, podemos ver que “prazer também deve fazer parte de nossa cultura” (Foucault, 2006, p. 187) com o objetivo de testar o prazer e suas possibilidades, prazer esse seguido ou não pelo desejo o indivíduo se reconhece como sujeito de sexualidade e se abre para experiências entre “domínios de saber”, e diferenciando da experiência cristã da “carne” esses indivíduos voltam seu olhar para si próprio, se “decifrando” e se reconhecendo como “sujeitos de desejo, ou seja, a verdade do seu próprio ser” (Foucault, 2006, p. 188).

Destacamos que relacionar prazer com sexo é algo do passado, e Foucault põe em evidência a “relação” que é possível ter com nossos corpos. Utilizando o corpo como fonte de inúmeros prazeres possíveis, por considerarmos a construção tradicional do prazer relacionando-se a comida, bebida e sexo que limitamos o prazer.

Através do corpo podemos dizer quem somos, Foucault denomina essas práticas corporais de “artes de existência”, que são “práticas reflexivas e voluntárias” que os humanos utilizam para determinar normas de “condutas” com intuito de transformarem a si mesmos, acabando por “modificar” o que cada um tem de “singular” por “seguirem” critérios de estilo e valores estéticos. Com isso favorece relações sociais e de prazer sexual, que por sua vez ajuda o sujeito na construção de si mesmo, “encarando” a identidade como um “jogo”.

A AMIZADE COMO MODO DE VIDA

Não é preciso reconhecer – se como homossexual, para Foucault, a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas sim algo de desejável:

"Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo,



mas, para além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. (...) O lugar para onde caminha os desenvolvimentos do problema da homossexualidade é o problema da amizade. (CECCATY. R, Danet. J., Bitoux, J., **De l'amitié comme mode de vie**, p. 01)

“Desejar homens, é desejar relações com homens”, no trabalho aqui contudo seria, desejar mulheres, é desejar relações com mulheres e esse desejo existe em muitas pessoas. Na pergunta: “Pode-se dizer que a relação com o desejo, com o prazer e a relação que alguém pode ter, seja dependente de sua idade?” Foucault nos dá a seguinte resposta, diz que em uma relação de um homem e uma mulher mais jovem a instituição favorece o contraste de idade e acolhe. E se for dois homens? Ou duas mulheres? Não é possível ter tal alívio, terão que inventar então a amizade, que é onde reuni todos os atributos dos quais um e outro podem se dar prazer. O problema está no amor, na falta de amor, está nos indivíduos começarem a se amar, pois segundo Foucault:

“A instituição é sacudida (...). Olhe o exército: ali o amor entre homens é, incessantemente, convocado e honrado. Os códigos institucionais não podem validar estas relações das intensidades múltiplas, das cores variáveis, dos movimentos imperceptíveis, das formas que se modificam. Estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito.” (CECCATY. R, Danet. J., Bitoux, J., **De l'amitié comme mode de vie**, p. 02).

Há partir daí temos tipos de relações possíveis: dois homens, duas mulheres, ou um homem e uma mulher, tais relações iniciam-se pelos gestos e palavras, surgindo os afetos e amores.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notamos que as materialidades presentes nos filmes da trilogia Karnstein que contam a história de *Carmilla* nos levam a um olhar discursivo em torno da sexualidade pra compreendemos de que maneira se constitui o sujeito mulher enquanto sujeito de sexualidade e como é percebido as relações homoafetivas numa perspectiva sócio-históricos.

A exteriorização aqui direciona- nos a uma critica que se estende para além dos limites sociais, surgindo a figura da monstruosidade mostrada no vampiro: “O vampiro, aparece ressignifica, em nossos tempos, de acordo com as emergências de um sistema de regularidades e de dispersões.” (MILANEZ, 2011, p. 15). Nesse sentido, os filmes analisados recria o significado do vampirismo a partir da necessidade do momento histórico, traçando inicialmente a anomalia de ser lésbica como ameaça a igreja, e do ser vampiro como monstro a ser combatido.

Temos nessa trilogia uma construção genealógica, que verifica a possibilidade entre objetos para que me permita dizer a existência da relação homoafetiva, tais como o posicionamento dos corpos (afetividade). Series de quadros traçam relações de avizinhamto: cenário, os meios utilizados para deter/matar um vampiro, a mordida como metáfora do ato sexual.

Condições históricas me levam a uma semelhança entre a Guerra fria (anos 70) e os filmes estudados como uma maneira de demonstrar o descontentamento frente as politicas da época e ao regimento das normas estabelecidas. O vampiro no domínio da sexualidade vive múltiplas relações (homem/mulher), e nessa mesma época eclodiu o tema permeando a discriminação racial e sexual.

Conseguimos então examinar materialidades repetíveis a serviço de uma memória que se repete, a imagem do vampiro como o mostro, bem como o cenário do cemitério, os crucifixos e o próprio modo em que são narradas as histórias de horror.



Segundo Milanez “o cotidiano é tomado e repetido” e “o corpo filmado mostra seu movimento”, pois as imagens que temos mostram-se fora e dentro de nós, portanto a produção audiovisual (re)cria o cotidiano em imagens em movimento, sendo exteriorizada de acordo também com o processo histórico. O corpo é, deste modo, crucial para a produção das imagens que precisam do corpo como intermediador para sua elaboração e transformação. A imagem reverbera fora e dentro do nosso corpo.

CONCLUSÕES

Questionar os problemas antigos e atuais é dar continuidade a história, é recriar imagens em movimento possibilitando que o cotidiano seja tomado e repetido. As memórias do passado provocam o seu surgimento no presente. O corpo serve de intermediador para a produção e transformação dessas imagens, imagens que reverbera fora e dentro do nosso corpo. Com essa verdade, o corpo retoma a norma de um saber atual momentâneo, que mostra um sujeito histórico que se transforma a todo momento.

REFERÊNCIAS

- CECCATY, R, Danet, J., Bitoux, J. **De l'amitié comme mode de vie**. Entrevista de Michel Foucault, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de wanderson Flor do Nascimento.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1984.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

MILANEZ, Nilton. **A cuca vai pegar!** Medidas do corpo no caldeirão discursivo do medo.

_____. **Corpo e escrita:** memórias do sujeito e lugares de autoria.

_____. **Discurso e imagem em movimento:** o corpo horrorífico do vampiro no trailer. São Carlos: Claraluz, 2011.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais.** Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Clara Luz, 2005.